

## CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT

Rovena Rosa - Agência Brasil



Aérea pretende expandir frota e terá novos voos no país

## Gol anuncia saída de recuperação judicial nos EUA

A companhia aérea Gol saiu do processo de recuperação judicial nos Estados Unidos nesta sexta-feira (6), preparando o cenário para a expansão de frota e novos voos e rotas no Brasil e em outros países, disse o presidente-executivo, Celso Ferrer. Em 2024, a Gol se tornou a 2ª companhia aérea brasileira, depois da Latam em 2020, a buscar proteção judicial para reestruturar

suas finanças, processo conhecido como Chapter 11 nos EUA, em meio a atrasos nas entregas de aeronaves e impactos gerados pela pandemia. A Azul, concorrente da Gol, foi a terceira a entrar com pedido semelhante, mas, apesar de suas dificuldades financeiras, as negociações para uma parceria entre a companhia aérea e a Gol já estavam em andamento.

## Maximizar já!

A Gol planeja maximizar a capacidade das aeronaves, a custos baixos, para recuperar a escala pré-pandemia até 2026, disse Ferrer. Para a expansão, haverá voos adicionais no Brasil e rotas internacionais, em especial, na região entre o sul da Flórida e o sul da Argentina.

## Capacidade

Nossa meta é atingir a capacidade que tínhamos em 2019 até 2026. Só depois de sete anos recuperaremos o tamanho que tínhamos no mercado doméstico", disse Ferrer, emendando: "Na crise, tivemos até 30 aeronaves paradas e teremos zero até o primeiro trimestre de 2026."



Pedemeia

Queda de resgates consolida patrimônio de R\$ 9,7 tri

## Resgates de fundos caem de R\$ 50,6 bi para R\$ 14,1 bi

Os fundos de investimento apresentaram resgates líquidos de R\$ 14,1 bilhões em maio, segundo dados divulgados pela Associação Brasileira de Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). O volume representa uma melhora em relação a abril, quando os resgates líquidos alcançaram R\$ 50,6 bi-

lhões. No acumulado do ano, os fundos têm saída líquida de R\$ 78,3 bilhões. O patrimônio líquido da indústria está em R\$ 9,7 trilhões. Os fundos multimercados responderam pelas saídas em maio, com resgate líquido de R\$ 16,2 bilhões. O valor, no entanto, é inferior ao registrado em abril, de R\$ 20,8 bilhões.

## Mais apetite

Os fundos de ações também tiveram saídas líquidas em maio, de R\$ 3,4 bi, ante R\$ 7,7 bi em abril. "A desaceleração nos resgates pode indicar que os investidores estão, gradualmente, com mais apetite para ativos de maior risco", afirmou o diretor da Anbima, Pedro Rudge.

## Captação positiva

Em que pese a tendência de resgates, algumas categorias tiveram captação líquida positiva em maio. Os fundos de investimento em participações (FIPs) lideraram, com entradas líquidas de R\$ 2,6 bilhões e os fundos de índice (ETFs), apuraram ingresso de R\$ 2,2 bilhões.

## Avanço

As vendas de cimento subiram 6,5% em maio, no comparativo anual, informou o Sindicato Nacional da Indústria de Cimento (SNIC), mediante comercialização de 5,7 milhões de toneladas. No acumulado dos cinco primeiros meses do ano, o crescimento foi de 4,6%.

## Base fraca

De acordo com o SNIC, o quadro se deve à base de vendas fraca em 2024, principalmente no mês de maio, quando o resultado foi impactado pelo desastre climático na região Sul, o que favoreceu os portos de crescimento da atividade nos primeiros cinco meses deste ano.

## Febraban cobra um ajuste fiscal urgente do Planalto

"Se não por bem, terá de ser por mal", alerta presidente Isaac Sidney

Divulgação Febraban

Por Marcello Sigwalt

"Se não por bem, terá de ser por mal", disparou, nesse sábado (7), o presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Isaac Sidney, em tom de alerta, ao se reportar à necessidade urgente de o Executivo federal adotar, de fato, um ajuste fiscal. Durante participação em painel no Fórum Esfera, em Guarujá (SP), o dirigente admitiu, porém, que a 'façanha' requer um 'trabalho conjunto' entre os Três Poderes e a sociedade.

"Eu tenho a seguinte visão: se não por bem, terá de ser por mal", disse durante painel no Fórum Esfera, realizado em Guarujá, litoral de São Paulo. "Se nós não conseguirmos entender – e isso vale para o Judiciário, o Legislativo, passando pelo Executivo e a sociedade – por bem, essa conta será absolutamente inadministrável e insuportável", advertiu.

O representante dos bancos entende que "não só chegou a hora do debate", como também, "não há mais como



Dirigente dos bancos propõe um 'trabalho conjunto' entre os poderes e com a sociedade

adiá-lo", acrescentando: "É impossível que nós continuemos insistindo [no modelo perdulário eleitoreiro]", analisou.

Na sequência, Sidney observou que o país registra níveis de crescimento 'robustos' nos últimos três anos, em meio a um mercado de crédito 'pujante', mesmo admitindo, em seguida que, na ponta, já se anteveja a

'retração' de alguns indicadores. Por enquanto, segundo ele, o mercado de trabalho se mantém 'aquecido' e a demanda doméstica 'robusta', tanto de consumo quanto de investimento.

Fazendo coro ao presidente da Câmara, Hugo Motta, Sidney pregou que "é hora de fazer fiscal de verdade". Em sua visão, "estamos com dados econômi-

cos em patamares bons, mas o revestimento do casco da embarcação precisa continuar".

Num chamamento direto aos empresários, de modo geral, Sidney entende que estes 'precisam participar da tarefa'. "Nós temos que rediscutir isso, porque tem peso: são R\$ 600, R\$ 700 bilhões de renúncia fiscal", finalizou.

## Poupança tem 1º saldo positivo do ano

Por Marcello Sigwalt

Pela primeira vez no ano, a poupança teve entrada líquida (quando os depósitos superam os saques), ao registrar, em maio, saldo positivo de R\$ 6,087 bilhões, resultante de entradas de R\$ 365,094 bilhões e saídas de R\$ 364,757 bilhões da poupança. Em janeiro, houve saída líquida de R\$ 26,226 bilhões; em fevereiro, de R\$ 8,007 bilhões; em março, de

R\$ 11,459 bilhões e em abril, de R\$ 6,418 bilhões.

No momento, o saldo das cadernetas é de R\$ 1,011 trilhão. Em igual mês de 2024, houve entrada líquida um pouco maior, de R\$ 8,227, quando então a Selic (taxa básica de juros) estava em 10,50% ao ano (e não nos altíssimos 14,75% ao ano atuais), assim 'drenando' menos recursos do investidor para a renda fixa.

De acordo com o Sistema

Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), no mês passado, houve saída líquida em maio de R\$ 128,647 milhões, ao passo que a poupança rural exibiu entrada líquida de R\$ 465,515 milhões. No acumulado de 2025, a poupança registrou saída líquida de R\$ 51,773 bilhões. Em 2024, a saída líquida foi de R\$ 15,467 bilhões.

Em contraponto, em abril último, o saque líquido chegou a R\$ 6,418 bilhões em abril, o

saldo mais negativo para o mês desde 2022, quando os saques superaram os aportes em R\$ 9,877 bilhões.

Já no acumulado de janeiro a abril de 2025, a poupança somou retiradas líquidas no montante de R\$ 52,110 bilhões, o que não evitou 'cravar' o 11º mês consecutivo em que o saldo da aplicação superasse R\$ 1 trilhão. Também em abril, os depósitos totalizaram R\$ 349,592 bilhões.

## Emprego industrial cai após 18 meses

Agência Brasil

O emprego industrial recuou pela primeira vez em 18 meses. De acordo com os Indicadores Industriais, divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) nesta sexta-feira (6), o número de postos de trabalho do setor caiu 0,4% entre março e abril, algo que não ocorria desde setembro de 2023.

Apesar do resultado, o emprego industrial acumula alta de 0,7% entre janeiro e abril, na comparação com os últimos quatro meses de 2024. Em relação a janeiro e abril do ano passado, aumentou 2,6%.

Segundo o gerente de Análise Econômica da CNI, Marcelo Azevedo, o indicador de medição do emprego costuma reagir de forma lenta e gradual ao cenário econômico. Por isso, uma queda mensal de 0,4% é bastante significativa e reflete a desaceleração da indústria.

"Por causa do aumento da



Retração do indicador reflete desaceleração da indústria

demanda por bens industriais, a produção cresceu e, com isso, o emprego aumentou durante um longo período. Cresceu por 17 meses, parou de crescer em março e caiu em abril. Isso se deve à queda da demanda e da atividade industrial nos últimos meses", avalia.

No entanto, outros indicadores ligados ao mercado de trabalho industrial cresceram de forma expressiva em abril. A massa salarial real subiu 4,4%, desempenho suficiente para reverter as quedas registradas em fevereiro e em março, de 0,3% e 2,5%. Ainda assim, a massa

salarial acumula queda de 1,3% no primeiro quadrimestre de 2025, frente ao último quadrimestre de 2024.

O rendimento médio dos trabalhadores da indústria - que inclui salário, participação nos lucros e indenizações - aumentou 5% na passagem de março para abril. O resultado reverte a maior parte da queda do indicador observada nos primeiros meses do ano, mas o rendimento médio continua 2,5% abaixo do patamar do fim do ano passado.

Depois de quatro meses no mesmo patamar, a Utilização da Capacidade Instalada (UCI) industrial caiu 0,6 ponto percentual, agora em 77,9%.

"A queda da UCI foi significativa e é mais um fator que indica a desaceleração da indústria, que já conseguimos ver no faturamento e nas horas trabalhadas na produção", explica Marcelo Azevedo.

## Sete Brasil, e o que 'deve dar errado'

Crônica de uma morte anunciada (e lucrativa). É o que define o 'ocaso' da então poderosa Sete Brasil, relegada a segundo plano pela 3ª gestão petista, após ser 'inflada' à condição de 'campeã nacional' dos áureos tempos do pré-sal.

Passados 15 anos, a companhia só conseguiu entregar à Petrobras quatro das 28 sondas de extração de petróleo prometidas. E agora aciona a petroleira na Justiça para receber a

fatura de R\$ 36 bilhões do intitulado 'Projeto Sondas'.

A estatal sustenta que "as alegações da Sete Brasil são improcedentes e que não reconhece qualquer responsabilidade pelos prejuízos alegados" e que "o ajuizamento dessa ação não impactará o resultado as demonstrações financeiras no segundo trimestre de 2025".

"Cirúrgico", editorial Estadão elucida a lógica lulista: o onipresente uso do dinheiro

público justificaria quaisquer desvarios palacianos, antes e durante e após as empreitadas. Afinal, aconteça o que acontecer, é o contribuinte e seus netos que vão pagar a fatura.

Em crítica ácida à política industrial petista, o Estadão a considera "alucinação mal-intencionada, cuja meta, para ficar no grosso, é criar no Brasil indústrias que vão se tornar gigantes vendendo sua produção ao governo. Nasceram com di-

nhem público e teriam de crescer com a proteção do Tesouro Nacional. Caso haja problemas, o 'Estado brasileiro' está aí para resolver".

Em contraponto, o jornal lembra que na 'vida real' ocorre "exatamente o oposto, pois empresas de classe mundial só existem se conseguem vender produtos com a qualidade e os preços exigidos pelos mercados internacionais. O resto é conversa fiada".